

# Processos fonológicos do guineense moderno

## Phonological processes of modern Guinean

## Procesos fonológicos del guineano moderno



### Natali da Anunciação Santos

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Email: natalisantos167@gmail.com



### Shirley Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, Bahia, Brasil.

Email: shirleyfreitas@unilab.edu.br



### Amanda Macedo Balduino

Universidade de São Paulo (USP), Butantã, São Paulo, Brasil.

Email: amanda.m\_b@hotmail.com



### Manuele Bandeira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, Bahia, Brasil.

Email: manuelebandeira@unilab.edu.br

**Resumo:** Este artigo analisa três fenômenos fonológicos do guineense moderno: palatalização do /s/ em coda e estatuto do [ʃ] em onsets complexos, nasalização vocálica engatilhada por coda e onset, e variação do /r/. Os itens lexicais analisados foram retirados de Scantamburlo (2002), inseridos em frases, com a realização sonora confirmada com falantes nativos. Para o contexto de análise, consideramos: qualidade vocálica, posição silábica e acento lexical. Os resultados indicam que a palatalização atinge a coda e o onset complexo. Atestamos a nasalização tautossilábica, diferentemente da heterossilábica. Por fim, a variação do /r/ atinge as fronteiras de palavras: codas finais e onsets iniciais.

**Palavras-chave:** Guineense. Palatalização do /s/ em coda e o estatuto do [ʃ] em onsets complexos. Nasalização engatilhada por coda e onset. Variação do /r/.

**Abstract:** This article analyzes three phonological phenomena of modern Guinean: the palatalization of /s/ in coda and the status of [ʃ] in complex onsets, nasalization by coda and onset, and variation of /r/. The lexical items analyzed were taken from Scantamburlo (2002), inserted in phrases, with phonetics realization confirmed with native speakers. For the context of analysis, we considered: vowel quality, syllabic position and lexical stress. The results indicate that palatalization reaches the coda and complex onset. We attest to tautosyllabic nasalization, unlike heterosyllabic nasalization. Finally, the variation of /r/ reaches the word boundaries: final codas and initial onsets.

**Keywords:** Guinean. Palatalization of /s/ in coda and the status of [ʃ] in complex onsets. Nasalization by coda and by onset. Variation of /r/.

**Resumen:** Este artículo analiza tres fenómenos fonológicos del guineano moderno: palatalización de la /s/ en coda y el estatus de la [ʃ] en ataques complejos, nasalización por coda por ataque, y variación de /r/. Los ítems léxicos analizados fueron tomados de Scantamburlo (2002), insertados en frases, con realización sonora comprobada con hablantes nativos. Para el contexto de análisis se consideró: calidad vocálica, posición silábica y acentuación léxica. Los resultados indican que la palatalización alcanza la coda y el ataque complejo. Damos fe de la nasalización tautosilábica, a diferencia de la nasalización heterosilábica. Finalmente, la variación de /r/ alcanza los límites de las palabras: codas finales y ataques iniciales.

**Palabras-clave:** Guineano. Palatalización de la /s/ en coda y el estatus de la [ʃ] en ataques complejos. Nasalización por coda y ataque. Variación de la /r/.

Submetido em 03 de maio de 2022

Aceito em 02 de agosto de 2022

Publicado em Publicado em 19 de dezembro de 2022

## Introdução

Neste artigo analisamos fenômenos fonológicos do guineense (ISO 639-3 pov)<sup>1</sup>, uma língua falada na Guiné-Bissau. Cristófaro Silva (2011, p. 182) define processo fonológico como uma operação que expressa um fenômeno em forma de regra fonológica. Uma regra fonológica se aplica a uma representação subjacente processando alterações representacionais ao longo da derivação. Em geral, os processos fonológicos segmentais correspondem à alteração de um segmento sonoro, engatilhada por contextos segmentais, suprasegmentais ou por uma restrição da língua, e, que como resultado, geram realizações variáveis de um fonema. Assim, de modo a investigar algumas regras sonoras que regem a combinação de segmentos no guineense, avaliaremos três processos distintos: a palatalização do /s/ em coda, discutindo, além disso, o estatuto do [ʃ] como primeiro elemento de um onset complexo, a nasalização engatilhada por coda e onset e, por fim, a variação do /r/.

Poucos são os estudos fonológicos sobre o guineense, e, entre a literatura produzida, não são raros os trabalhos realizados sob o viés do português. Logo, quando o guineense traz alguma característica diferente da língua portuguesa, mesmo configurando línguas distintas, comentários sobre a “carência” ou a “falta” de algum aspecto no guineense não são incomuns, resultando em concepções equivocadas sobre a língua. Pretendemos, com a análise dos processos aqui elencados, descrever algumas regras sonoras que caracterizam o guineense como língua natural, rompendo com uma abordagem lusitanizante da língua que tome o português como “padrão” e o guineense como uma versão desta língua.

O artigo está organizado em quatro seções. Na seção 1, descrevemos o contexto sócio-histórico e linguístico da Guiné-Bissau. Em seguida, na seção 2, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na coleta e na análise dos dados e, na seção 3 e subseções, apresentamos a análise dos dados junto à descrição dos fenômenos abordados. Por fim, trazemos as considerações finais.

<sup>1</sup> O ISO 639-3 pov faz parte do conjunto de códigos utilizados para a representação de nomes de idiomas com padrão internacional (série ISO 639). O código, em geral, define-se a partir de três letras para indicar a língua – nesse caso, pov.

## A Guiné-Bissau e o guineense

A Guiné-Bissau apresenta um território de 36.125 km<sup>2</sup>, situado na Costa Ocidental Africana, banhado pelo Oceano Atlântico ao oeste, e fazendo fronteira ao norte com o Senegal, ao sul e a leste com a república da Guiné (CHAPOUTO, 2014). A população da Guiné-Bissau, conforme o Instituto Nacional de Estatística e o Censo de 2009, é estimada em cerca de 1.442.227 indivíduos (INE, 2009). Nesse país, se manifesta uma heterogeneidade linguística que, de acordo com Costa (2014), abarca cerca de 22 línguas, incluindo as línguas autóctones, a língua nacional e a língua oficial do país.

Na Guiné-Bissau, o guineense (chamado por seus falantes de *kriol*) é a língua de comunicação, permanecendo, sobretudo, na oralidade, possui o estatuto político de língua nacional, e é a língua materna (L1) da maioria dos falantes da capital. Já a língua oficial é somente o português, porém, no país, são faladas diversas outras línguas autóctones, destacando-se, pelo número de falantes, o balanta (ISSO 639-3 ble) (397.000 falantes), o fula (ISO 639-3 fuf) (261.000 falantes), o manjaco (ISO 639-3 mfv) (184.000 falantes), entre outras – conforme números de Costa (2014).

Em virtude do contexto linguístico da Guiné-Bissau, é possível observar uma situação de diglossia entre o português e o guineense. Por um lado, temos em ambientes formais e no ensino, o português, que corresponde à segunda língua (L2) da maioria da população. Por outro lado, o guineense é utilizado na comunicação cotidiana do país com o título de língua nacional, estimado com cerca de 206.000 falantes como L1 e 6.000 falantes como L2 (COSTA, 2014). Ademais, há também as línguas étnicas, que, como o guineense, permanecem sobretudo na oralidade<sup>2</sup>.

## Metodologia

Com o intuito de coletarmos dados para análise, realizamos entrevistas com 5 (cinco) informantes, todos estudantes guineen-

<sup>2</sup> Conforme Costa (2014), já há uma literatura no guineense, como também textos bíblicos produzidos por missionários. Existem ainda poucos textos escritos em algumas línguas autóctones.

ses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), campus dos Malês (São Francisco do Conde, Bahia, Brasil). Todos os participantes são nativos da Guiné-Bissau, têm idade entre 21 e 27 anos, e falam o guineense, o português, entre outras línguas.

Para construção do *corpus*, foram selecionadas 74 palavras retiradas de um dicionário do guineense (SCANTAMBURLO, 2002) que contivessem os contextos para a realização dos fenômenos fonológicos alvos deste estudo, totalizando 290 ocorrências. De modo a evitar que os informantes dessem entonação de lista de palavras e pudessem, ao contrário, produzir os itens lexicais num contexto real de uso, os itens lexicais foram inseridos em frases, como em “vamos jogar bola no campo”, e a coleta de dados foi realizada através de gravações.

Ainda, no que se refere à coleta de dados, compreendemos que a utilização de frase-veículo permite o controle dos contextos analisados (como as consoantes precedentes e seguintes); contudo, o objetivo desta pesquisa consistia em verificar esses fenômenos em frases de uso real, semelhantemente a frases utilizadas cotidianamente no discurso dos informantes e, portanto, em um contexto menos controlado do que em frases-veículo.

Apesar de almejarmos uma produção mais natural das frases investigadas, para construção do corpus, consideramos contextos como (i) a posição silábica; (ii) a qualidade vocálica e (iii) o acento lexical, conforme demonstrado, para cada fenômeno em evidência, no Quadro 1.

Quadro 1 – Contexto de análise dos fenômenos

Palatalização do /s/ em coda e o estatuto de [ʃ] em onsets complexos	Nasalização engatilhada por coda e por onset	Variação do /r/
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posição silábica</li> <li>- Qualidade vocálica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posição silábica</li> <li>- Qualidade vocálica</li> <li>- Acento lexical</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posição silábica</li> </ul>

Fonte: Elaboração das autoras.

No momento das gravações, inicialmente, havia uma explicação para cada informante sobre a realização da pesquisa. Essa conversa preliminar visava deixar o participante mais confortável sobre o fornecimento e a gravação dos dados, assim como explicar e coletar as assinaturas do termo de consentimento, dando permissão para utilização dos dados coletados para análise. Posteriormente, utilizamos o método de distribuição das frases em ordem aleatória, ou seja, não houve um agrupamento das palavras que coincidiam com o mesmo fenômeno fonológico para evitar qualquer possibilidade de o informante perceber um padrão nas sentenças e o foco do nosso estudo. Essa abordagem foi empregada, uma vez que não utilizamos frases distratoras nesta pesquisa. Para a gravação dos dados, as frases eram fornecidas na língua portuguesa com a palavra-alvo inserida dentro da sentença e os participantes, por sua vez, a traduziam para o guineense. A partir desse método, foram verificadas divergências nas traduções de algumas sentenças. Essa variação aponta para fatores sociolinguísticos, principalmente, levando em consideração o perfil heterogêneo dos informantes e a diferença entre as regiões em que viviam na Guiné-Bissau.

A gravação teve duração de 15 a 19 minutos para cada informante, perfazendo um total de 1 hora e 20 minutos. Ademais, em casos nos quais o informante não pronunciava a palavra-alvo esperada, perguntávamos quais palavras em guineense eram utilizadas para designar o que estava sendo dito em português. Assim, as frases eram pronunciadas uma vez, e nos casos em que era preciso a repetição, pedíamos que pronunciasse novamente a palavra depois da frase. Quando as palavras não eram reconhecidas pelos falantes, que preferiam utilizar outros itens para designar o mesmo significado, havia o descarte completo do dado.

Após a coleta de dados, avançamos para análise, através da investigação oitiva dos dados, em conjunto com a análise acústica dos segmentos por meio do *software* Praat (BOERSMA; WEENICK, 2020). O programa permitiu uma inspeção espectral dos dados a serem analisados na pesquisa. Além disso, apresentaremos os re-

sultados com relação a descrições prévias feitas sobre os processos e autores que já apresentaram uma descrição do guineense, como Costa (2014). Assim, partimos desses dados para compararmos com nossa pesquisa e apresentar as considerações.

## Análise dos dados

Nesta seção, examinamos a palatalização do /s/ em coda e o estatuto do /ʃ/ em onsets complexos; a nasalidade engatilhada por coda e por onset; e a variação do /r/. Para tanto, propomos uma descrição fonética mediante o exame de espectrogramas, além de considerarmos análises prévias sobre a língua, como em Costa (2014).

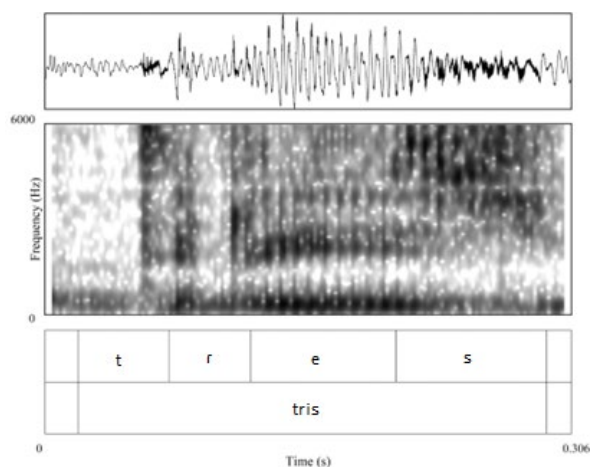
### Palatalização do /s/ em coda e o estatuto de [ʃ] em onsets complexos

A palatalização é um processo fonológico caracterizado pela alteração da articulação consonantal ou vocálica em direção ou em proximidade à região palatal. No guineense, notamos que a fricativa alveolar /s/ pode ser realizada como [s], ou mesmo como uma pós-alveolar [ʃ], demarcando, esse último exemplo, um caso de palatalização consonantal da fricativa. Para esse fenômeno, foram analisadas 17 (dezessete) palavras que podiam conter a fricativa [s] ou [ʃ] em coda medial ou final, ou mesmo possuir [ʃ] como primeira consoante de um onset complexo, como será discutido no decorrer da seção.

Analisando as produções de fricativa em coda, notamos que, foneticamente, essa pode ser realizada como [s], ou de maneira mais frequente, ser palatalizada e, portanto, produzida como [ʃ]. Nos espectrogramas das Figuras 1 e 2, por exemplo, observamos a produção de [s] em **tris** ['tres] “três”, ao passo que [ʃ] é demonstrado em **festa** ['fɛʃ.te] “festa”.

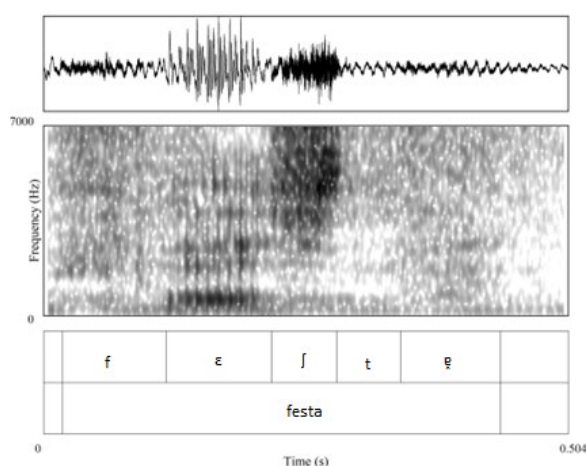


**Figura 1 – Espectrograma de tris [ ' tres]**



Fonte: Elaboração das autoras.

**Figura 2 – Espectrograma de festa [ ' feʃ.te]**



Fonte: Elaboração das autoras.

As fricativas são sons produzidos pela aproximação dos articuladores e consequente fricção durante a passagem do ar egresso dos pulmões pela cavidade oral. Nos espectrogramas das Figuras 1 e 2, a fricção do ar é assinalada mediante uma turbulência espectral, bem como uma onda sonora não periódica, sendo tais características verificadas tanto na produção de [s] quanto na de [ʃ]. Notamos, dessa forma, que as fricativas puderam ser identificadas na análise acústica, principalmente, pelo desenvolvimento de fluxo de ar turbulento e por altas faixas de frequência.

Todavia, para diferenciarmos o ponto de articulação das fricativas, nos valem, além da inspeção de oitiva, da observação de alguns critérios espectrais. Trabalhos como o de Kent e Read (1992) indicam que a medida mais relevante para a distinção das fricativas é a frequência, visto que [s] possui uma frequência média superior à frequência de [ʃ]. Nas Figuras 1 e 2, isso é perceptível na concentração de energia espectral, visto que ela é maior na porção superior do espectro para [s], e, no caso de [ʃ], está em porções mais baixas.

Apresentados os critérios fonéticos de distinção entre [s] e [ʃ], e tendo como foco os dados cuja fricativa alvo estava em posição de coda medial, atestamos a presença de [s] e [ʃ] como indicado nos dados a seguir.

1. [ 'fɛʃ.te] - **fasta** "festa"
2. [ 'gɔs.te] - **gosta** "gosta"
3. [ 'kaʃ.ke] - **kaska** "casca"
4. [mes.'kĩ.ɲe] - **miszinha** "reclamar"

Se considerarmos, a exemplo de Costa (2014), a presença de /s/ como única fricativa licenciada em coda, os itens demonstrados em 1 e 3 foram produzidos mediante a palatalização de /s/ em coda medial. De outro modo, os dados 2 e 4 apresentaram variação, indicando que a fricativa pode ser realizada como [s]; o processo de palatalização, assim, não tem ocorrência categórica em posição de coda medial. Somando-se a isso, verificamos, ainda, que a palatalização não pode ser relacionada à consoante subsequente do item lexical alvo. Como evidenciado nos dados 1 e 2, a alternância entre [ʃ] ~ [s], em coda medial, é concretizada de forma independente à articulação da oclusiva seguinte, como exemplificado pelos itens [ 'fɛʃ.te] "festa" e [ 'gɔs.te] "gosta", nos quais [t] sucede a produção de [ʃ] e de [s]<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Foi observado nos dados que os informantes utilizaram tanto a alveolar quanto a alveopalatal, ou seja, não houve produção de um único segmento por informante.

De acordo com Costa (2014), o processo fonológico de palatalização do /s/ ocorre em decorrência do contato com o português. Esse fenômeno, segundo a autora, pode acontecer em coda silábica, medial ou final de palavra, diante de uma pausa ou segmento surdo, conforme a regra fonológica e os exemplos retirados de Costa (2014, p. 180):

$$/s/ \rightarrow [ʃ] / \_ \left\{ \begin{array}{l} \# \\ - \text{Vozeados} \end{array} \right\}$$

5. [ 'gaʃ.te]<sup>4</sup> ~ [ 'gas.te] - /gaste/ "gastar"

Podemos observar no exemplo 5 a palatalização do /s/<sup>5</sup> em coda medial. Em coda final, a autora atesta esse mesmo fenômeno, porém não apresenta exemplos que atestem a palatalização. Na transcrição fonética 5, verificamos que a fricativa /s/, diante do segmento surdo /t/, foi realizada como [ʃ]. Não obstante, caso o segmento seguinte fosse uma consoante sonora, /s/ seria produzido como [ʒ]. Costa (2014, p. 180) considera, portanto, que os segmentos [ʃ, ʒ] são realizações do fonema /s/, e sua produção dependerá do segmento seguinte, surdo ou sonoro, conforme a regra fonológica e o exemplo da autora em 6:

$$/s/ \rightarrow [ʒ] / \_ [+ \text{vozeados}]$$

6. [ 'o.miʒ.ga.ran.dɪ] ~ [o.mis.ga.'ran.dɪ] - /omis garandi/ "homens altos"

4 Costa (2014) não utiliza a separação silábica nos exemplos transcritos do seu trabalho. Todas as separações aqui apresentadas foram realizadas pelas autoras do artigo. Além disso, o acento dos itens verbais ainda gera controvérsias, havendo tanto descrições que defendem o acento oxítono quanto aquelas que defendem o padrão paroxítono, sendo esse um aspecto a ser investigado em estudos futuros.

5 Costa (2014) não indica um motivo para utilização dessa forma fonológica.

Como observado no exemplo 6, o fonema /s/ é seguido pela consoante sonora /g/, sendo, por isso, realizado como [ʒ]. Além disso, a autora pontua, também, que o fonema /s/ pode se realizar como [z] em posição de coda silábica quando a palavra seguinte for iniciada com vogal, como evidenciado em 7 (COSTA, 2014, p. 181):

/s/ → [z] /\_\_ [+vocoide]

7. ['e.li.zɛ. 'tʃi.ga.di.bi 'as] ~ ['e.li.sɛ. 'tʃi.ga.di.bi 'as] - /elis ε tʃiga di bias/ “eles chegaram de viagem”

Costa (2014) pontua que todos os exemplos apresentados coexistem com a forma [s], sendo esta, inclusive, a realização mais comum. Por essa razão, nos dados [o.mis.ga. 'ran.dɪ] e ['e.li.sɛ. 'tʃi.ga.di.bi 'as], a produção de [s], como alofone de /s/, é identificada em coda, mesmo diante de [g], consoante [+sonora].

Assim sendo, de acordo com Costa (2014), no guineense, o processo de palatalização, embora seja produtivo, não resulta na forma mais comum para /s/ em coda. Isso é evidenciado, inclusive, na descrição fonética das consoantes do guineense construída pela autora, na qual [ʃ] é caracterizada, apenas, como um fone que ocupa o ataque silábico em começo, meio e final de palavra; porém a coda não é mencionada (COSTA, 2014, p. 114). Tal afirmação se distancia dos achados deste artigo, uma vez que [ʃ] foi produzido em 75% dos dados avaliados, sendo a variante mais frequente em coda.

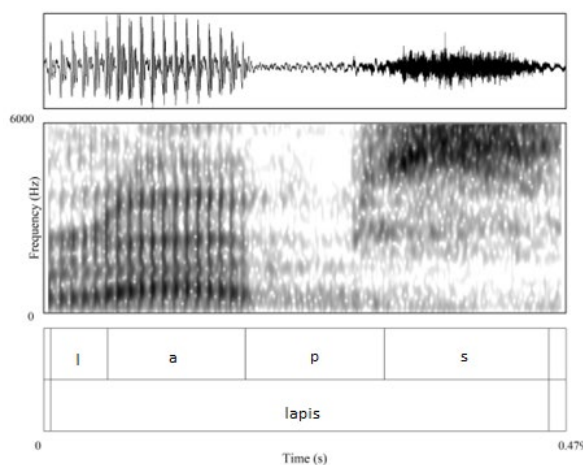
Em relação à relevância do vozeamento da consoante heterossilábica subsequente a /s/ para a produção de [ʃ, ʒ], não foram avaliados dados. Por uma questão decorrente à formação de nosso corpus, composto exclusivamente por itens em que /s/ era seguido por uma consoante surda, não identificamos a possibilidade de vozeamento da fricativa em coda medial.

Concentrando-se, agora, na posição de coda final, detectamos, sobretudo, a ocorrência de [s], ainda que [ʃ] seja também possível, como evidenciado nos exemplos 8 a 11.

8. ['trejs] ~ ['tres] - **tris** “três”
9. ['elis] ~ ['elij] - **elis** “eles”
10. ['pis] - **pis** “peixe”
11. ['lapis] ~ ['lapij] - **lapis** “lápiz”

Com exceção dos itens **lapis** “lápiz” e **elis** “eles”, em que /s/ foi produzido ora como [ʃ], ora como [s], as demais palavras foram realizadas com [s] em coda final. Dessa forma, corroborando os achados de Costa (2014), a análise dos dados indica que a produção de [ʃ], em coda, é mais frequente em meio de palavra, enquanto sua fronteira privilegia [s]. É preciso, no entanto, avaliar essa hipótese, em estudos futuros, considerando não somente a posição de palavra, mas também outras variáveis estruturais, como acento e contexto fonológico precedente. Embora neste artigo tenhamos verificado tanto a produção de [ʃ] quanto de [s], em sílabas átonas e tônicas, assim como diante de vogais coronais [ɛ, e, a] e dorsais [a, ɔ, u], em nossa análise, não há uma quantidade robusta de dados para exame de cada um desses fatores, justamente por este ser um trabalho preliminar que visa à descrição fonética-fonológica geral de alguns processos do guineense. É preciso, todavia, que tais questionamentos possam ser aprofundados de modo a avaliarmos a relevância de variáveis como estas para a implementação da palatalização em coda.

Ademais, em relação ao dado **lapis** “lápiz”, verificamos, ainda, que, além de haver a possibilidade de palatalização de /s/, a vogal átona final [i] foi apagada em alguns casos, modificando, à vista disso, a estrutura silábica da palavra. Isso é evidenciado na Figura 3, em que apresentamos o espectrograma de **lapis** “lápiz” ['laps].

Figura 3 – Espectrograma de *lapis* ['lapis]

Fonte: Elaboração das autoras.

Como consequência fonética desse apagamento, há, como *output*, a formação de uma sílaba composta por uma coda complexa, em que temos a sequência [ps] em coda, na medida em que há reestruturação silábica, e a produção de uma sílaba CVCC.

A emergência de padrões silábicos com codas complexas, no guineense, é atestada já em trabalhos como Chapouto (2014) e Matos (2021), os quais apontam a possibilidade de codas ramificadas tais como [ns] e [bs]. A ocorrência desse tipo de dado, porém, não é mencionada em Costa (2014), que, por sua vez, concebe, apenas, sílabas do tipo CVC, VC, CCVC, CVVC, VVC, e não discorre sobre estruturas (C)VCC. Sendo assim, a coda ramificada, identificada neste trabalho, parece ser não somente um reflexo de uma possibilidade estrutural do guineense como também uma revelação da importância de [s] na formação de codas ramificadas fonéticas, uma vez que todas as codas reportadas contêm tal fricativa em sua composição. Ademais, há indícios de que a emergência de codas complexas seja recente, justamente porque tal possibilidade não é explorada em trabalhos anteriores dedicados ao guineense (COUTO, 1994; KIHM, 1986; MBODJ, 1979; ROUGÉ, 1988; SCANTAMBURLO, 1981). Discutida a possibilidade de palatalização de /s/ em coda, é preciso analisarmos, ainda, a realização de [ʃ] em onsets complexos. Nesse domínio, distintamente do que ocor-

re na coda, observamos, em todas as palavras examinadas, a produção de [ʃ], como indicado nos dados 12 a 20.

12. [ʃkɔ.lɛ] - **skola** “escola”
13. [ʃpɛ.ta.ku.lɔ] ~ [ʃpɛ.ta.ku.lɔ] - **spetakulu** “espetáculo”
14. [ʃka.de] - **skada** “escada”
15. [ʃka.me] - **skama** “escama”
16. [ʃkɔ.ve] ~ [ʃkɔ.ve] - **skoba** “escova”
17. [ʃ.ta.bi.li.'da.dɪ] - **stabilidadi** “estabilidade”
18. [ʃfɔr.se] ~ [ʃfɔr.se] - **sforsa** “esforça”
19. [ʃta.djɔ] - **stadiu** “estádio”
20. [ʃpo.ze] - **spoza** “esposa”

Distintamente da proposta de Costa (2014), não temos dados que sustentem a palatalização ou mesmo a presença fonológica de /s/ subjacente em onset complexo do tipo  $C_1C_2(C_3)V$ , em que  $C_1$  corresponde à fricativa e ( $C_3$ ) é uma consoante opcional.

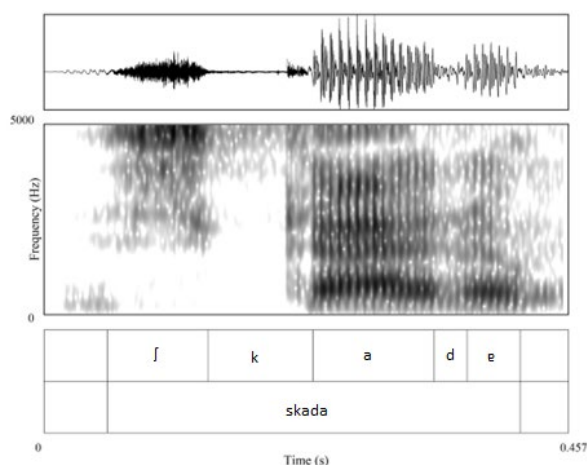
Tendo em vista que nenhuma das palavras foi produzida como /s/, por nenhum dos falantes, não temos evidências que sustentem a implementação de um processo de palatalização sincrônica nesses casos – diferentemente do que ocorre na coda. Desse modo, pode ser que a única consoante fricativa licenciada como  $C_1$ , em uma sequência  $C_1C_2(C_3)V$ , seja [ʃ]. Essa possibilidade é atestada em outras línguas crioulas de base lexical portuguesa, como o santome, emergido e falado na ilha de São Tomé, na Costa Oeste Africana. Nessa língua, onsets complexos licenciam apenas /ʃ/ como  $C_1$ , não sendo observada a produção, nesses casos, de [s]: /ʃkɔ.la/ [ʃkɔ.lɛ] “escola”; /ʃpli.ka/ [ʃpli.'ka] “explicar” (BANDEIRA, 2017, p. 167).

Costa (2014) não considera [ʃ] como consoante pertencente ao inventário fonológico do guineense justamente por não observar pares mínimos em que tal fone pode ser contraposto a outras fricativas da língua, e por atestar somente casos isolados da

fricativa pós-alveolar em variação com a alveolar [s]. Ainda que, em nossos dados, também não haja pares mínimos passíveis de atestar o estatuto fonológico de [ʃ] mediante teste de comutação, é preciso ressaltar que, diferentemente dos apontamentos da autora, tal fricativa não foi produzida isoladamente, ao contrário: ela compõe a maior parte dos dados investigados, sendo, inclusive, a única realização de fricativa verificada em onset complexo. Assim, parece que, se por um lado, não podemos nos precipitar e incluir [ʃ] no inventário fonológico do guineense, por outro há indícios de que o estatuto de tal consoante deve ser averiguado mais detalhadamente – ainda mais considerando que, em línguas como o santome, /ʃ/ somente ocorre, também, como  $C_1$  de  $C_1C_2(C_3)V$ .

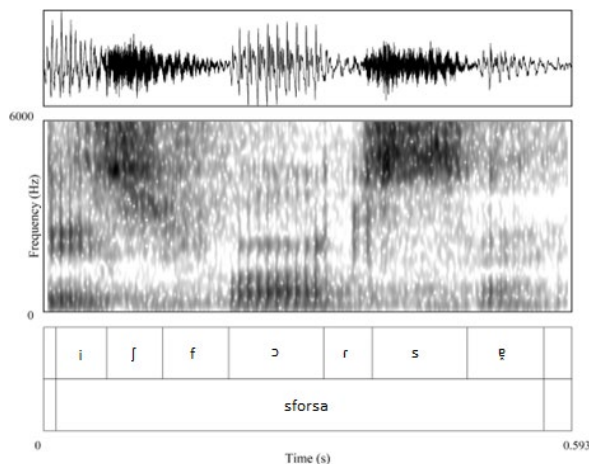
Isso posto, embora não tenhamos identificado a produção de [s] nesse contexto, atestamos que, paralelamente à realização palatal [ʃ] em onsets complexos, há a possibilidade de realização da vogal [i], como indicado em 13, 16 e 18. Esse processo fica ainda mais nítido mediante as Figuras 4 e 5, com as quais contrapomos dados em que sua realização não é constatada a dados produzidos com a inserção de [i]. Na Figura 4, trazemos como exemplo o espectrograma de **skada** [ʃka.de] “escada”, em que a sequência  $ʃC_2(C_3)V$  pode ser evidenciada. Já na Figura 5, **sforsa** [iʃ.ʔɔr.sɛ] “esforça” elucida os dados em que a prótese de [i] é identificada na primeira sílaba, corroborando, nesse aspecto, os dados de Costa (2014).

Figura 4 – Espectrograma de **skada** [ʃka.de]



Fonte: Elaboração das autoras.



Figura 5 – Espectrograma de *sforsa* [iʃ. 'fɔr.sɐ].

Fonte: Elaboração das autoras.

A esse respeito, Costa (2014, p. 199) assume /s/ como fricativa licenciada como  $C_1$  de uma estrutura  $C_1C_2(C_3)V$  com base em três fatores: (1) os informantes não consideram a existência de vogais antes do /s/; (2) no corpus analisado pela autora não houve uma variação significativa entre  $i/s/C_2(C_3)V$  e  $/s/C_2(C_3)V$ ; e (3) a variação de produção com e sem vogal, no entanto, de acordo com os informantes, só ocorre em falantes mais jovens, enquanto em falantes mais idosos essa variação é dificilmente observada.

Semelhantemente à argumentação de Costa (2014), em nosso corpus também não houve uma variação robusta entre as formas  $i/s/C_2(C_3)V$  e  $ʃC_2(C_3)V$ , ou evidências que possam sustentar a presença de /i/ enquanto componente da sílaba fonológica em foco, fato que nos leva a adotar, também, a sílaba  $ʃC_2(C_3)V$  no guineense. Já as assunções (1) e, principalmente, (3) precisam ser investigadas futuramente, considerando a variação apontada pelos próprios informantes, em que  $i/s/C_2(C_3)V$  e  $/s/C_2(C_3)V$  apenas ocorre na produção de falantes mais jovens.

Sendo assim, embora sejam falantes da língua, é necessário, antes de tudo, realizar uma análise linguística com dados mais robustos da produção dos falantes. Diante disso, ressaltamos a relevância, neste estudo, de verificar empiricamente tal hipótese

antes de utilizá-la como critério para descrever a silabificação no guineense. Assim, sem que seja atestada uma mudança em tempo aparente no guineense, na qual  $\int C_2(C_3)V$  se encaminhe a  $i/s/ C_2(C_3)V$ , concluímos que não podemos afirmar, neste trabalho, que o fenômeno de inserção vocálica seja favorecido por falantes mais jovens.

Diante desses resultados, ao passo que objetivamos a comparação com os dados de Costa (2014), apresentamos o quadro comparativo a seguir.

**Quadro 2 – Palatalização do /s/ em coda e o estatuto do /ʃ/ em onsets complexos: comparativo**

<b>Costa (2014)</b>	<b>Autoras</b>
Palatalização recorrente, porém a realização com [s] é mais comum;	Em coda medial, a produção do [ʃ] corresponde à variação mais frequente em coda (75%);
[ʃ], em coda medial, é o fone mais frequente; já a coda final privilegia o [s];	Em final de palavra, a produção mais frequente foi [s], embora haja alternância entre a produção do [ʃ];
Atesta estruturas silábicas do tipo CVC, VC, CCVC, CVVC, VVC;	Há possibilidades de codas ramificadas no guineense, com estruturas CVCC;
Na posição inicial, há produção do processo de palatalização, com a presença do [ʃ] em alternância com [s];	Em onset complexo, não houve produção do /s/, por nenhum dos informantes;
É possível uma vogal antecedendo o /s/ em posição inicial.	Antes da realização da [ʃ] em onset complexo, há a possibilidade de realização da vogal [i].

*Fonte: Elaboração das autoras.*

### **Nasalização engatilhada por coda e por onset**

A nasalização vocálica é um processo caracterizado pela assimilação do traço [nasal] por vogais em decorrência da articulação

vocálica com uma consoante nasal tautossilábica ou heterossilábica. Focando, em um primeiro momento, na nasalidade tautossilábica – isto é, a promovida por uma consoante nasal em coda –, encontramos, na literatura, duas hipóteses principais dedicadas à explanação da natureza desse fenômeno nas línguas naturais, inclusive no português, língua lexificadora do guineense: a hipótese monofonêmica e a bifonêmica. Tais abordagens, partindo de diversas teorias fonológicas, sustentam ou a existência de vogais intrinsecamente nasais no inventário fonológico (hipótese monofonêmica), ou a presença de uma estrutura bifonêmica VN (Vogal + NASAL), em que não há nasalidade vocálica inerente à forma subjacente da língua (hipótese bifonêmica) (BALDUINO, 2018).

No guineense, a nasalização engatilhada por uma coda nasal é reportada no trabalho de Costa (2014), sendo caracterizada como um processo de natureza bifonêmica. Além desse fenômeno, há, conforme a autora, um processo de assimilação em que a consoante nasal pós-vocálica, em posição de coda, assimila o ponto de articulação da consoante seguinte. Desse modo, Costa (2014) indica que a consoante nasal em coda, representada como /N/ se realiza como as consoantes nasais [m, n, ɲ, ŋ] a depender da consoante coarticulada à direita na sílaba seguinte. Assim, quando /N/ é seguido por consoantes bilabiais [b, p], a nasal é realizada como [m]: /kaNpu/ [ 'kam.pʊ] “campo”, o que é perceptível, de acordo com a autora, no espectrograma de tais itens. De outro modo, caso a consoante nasal seja seguida por consoantes alveolares [t, d, s, z, r]<sup>6</sup>, esta é produzida como [n]: /poNta/ [ 'pon.te] “fazenda”. No caso da consoante [ɲ], sua realização é verificada caso anteceda os segmentos palatais [tʃ, dʒ], como nos exemplos: /dʒuNdʒuN/ [dʒũɲ. 'dʒũɲ] “jejum”, /saNtʃu/ [ 'sãɲ.tʃʊ] “macaco”. Já quando se tem a consoante [ŋ], os segmentos seguintes são as consoantes velares /k, g/, como exemplificado em: /braNku/ [ 'braɲ.kʊ] “branco” (COSTA, 2014, p. 186).

Ainda tendo em vista a análise da autora, as vogais na posição de precedente da nasal /N/ têm a realização opcional do

<sup>6</sup> Costa (2014) não menciona a presença do [l] na discussão dos segmentos alveolares.

traço de nasalidade; isso resultaria, foneticamente, na combinação da vogal nasalizada com a consoante nasal ou somente na presença de uma consoante nasal precedida por uma vogal oral: /maNkara/ [mãŋ. 'ka.re] ~ [maŋ. 'ka.re] “amendoim”. De outro modo, caso a consoante nasal esteja em posição final absoluta, a vogal anterior tende a nasalizar, como em: /boN/ [bõŋ]<sup>7</sup> “bom” (COSTA, 2014, p. 187).

Semelhantemente aos achados de Costa (2014), identificamos o processo de nasalização tautossilábica em nossos dados. Com base em diferentes ocorrências dos itens, observamos a ocorrência da nasalização da vogal que antecede a consoante nasal. A partir de uma análise de oitiva dos dados, em conjunto com a inspeção espectral das ocorrências investigadas, levantamos como hipótese que a realização das vogais nasalizadas pode ser menos nasal em relação à nasalização vocálica no português brasileiro (interpretação enquanto falante do português e que, portanto, está sujeita ao filtro do falante). Outra hipótese possível é que a vogal, especialmente a vogal baixa /a/, embora nasalizada, pode manter seu F1 alto, fazendo com que a vogal seja mais aberta do que, por exemplo, [e]. No entanto, [ẽ], isto é, a vogal baixa reduzida, também foi observada em nossos dados como um possível resultado da nasalização. Com relação ao processo, observou-se a ocorrência de pares mínimos das vogais nasalizadas e orais. Por exemplo: **mundu** “mundo” e **muðu** “mudo; **pon** “pão” e **po** “pó”. Vejamos os dados da vogal seguida por consoante nasal na coda em 21 a 35.

21. [bẽ. 'dʒi.tu] ~ [bẽ. 'di.tu] - **benditu** “abençoado”
22. ['bẽ.tu] ~ ['vẽ.tu] - **bentu** “vento”
23. ['mũ.du] - **mundu** “mundo”
24. ['põŋ] ~ ['põ] - **pon** “pão”
25. ['kã.pu] ~ ['kãm.pu]<sup>8</sup> - **kampu** “campo”

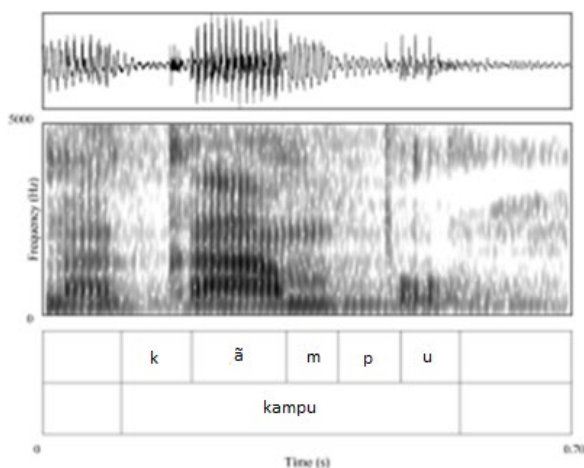
7 O exemplo retirado originalmente dos dados de Costa (2014) não apresenta ditongo nasal.

8 Em algumas palavras, como **kampu** “campo”, foi possível encontrar a presença da consoante nasal em coda, bem como o apagamento do /N/ na produção dos informantes. Assim, a variação foi representada nas transcrições dos dados.

26. [lĩ. 'pe.ze] - **limpesa** “limpeza”
27. [kã.tor] - **kantadur** “cantor”
28. [bẽ. 'si.tu] - **bensitu** “abençoado”
29. ['bõn] - **bon** “bom/boa”
30. ['kĩ.tɪ] - **kinti** “quente”
31. ['kĩ.taɪ] - **kintal** “quintal”
32. [ma. 'sãŋ] - **masan** “maçã”
33. ['õ.se] - **onsa** “onça”
34. [sĩ. 'tix] - **sentir** “sentir”
35. ['kõ.tẽ.tɪ] - **kontenti** “feliz”

No dado 25, mediante o espectrograma da palavra **kampu** ['kãm.pu] “campo”, na Figura 6, notamos que após a vogal nasalizada, é possível encontrar a presença de uma consoante nasal em coda, atestando, assim, o caráter tautossilábico da nasalidade.

**Figura 6 – Espectrograma de *kampu* ['kãm.pu]**

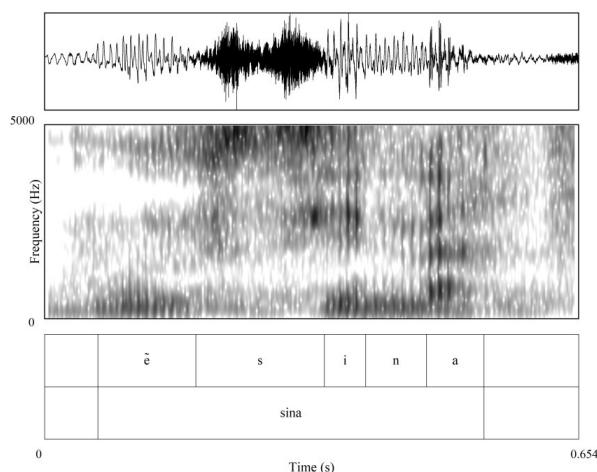


Fonte: Elaboração das autoras.

Todavia, distintamente do que é apontado em Costa (2014), observamos que há dados nos quais a nasalização vocálica pode ser acompanhada, também, pelo apagamento de /N/, como

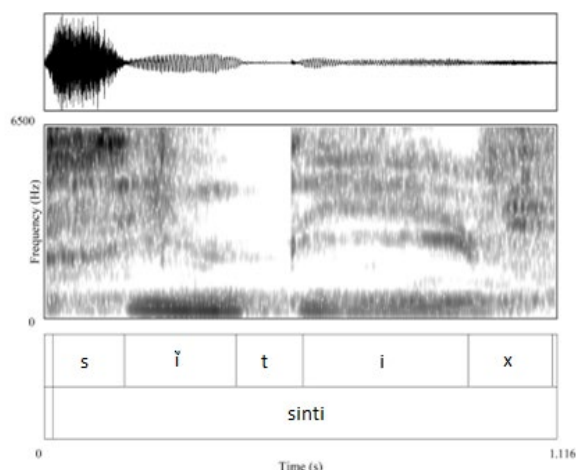
elucidado na Figura 7, pelo espectrograma de **sina** [ẽ.si.'na] “ensinar”, mas também observado em itens como **sentir** [sĩ' - tix] “sentir”, na Figura 8, em que a consoante seguinte à vogal nasalizada é uma consoante oclusiva [t].

**Figura 7 – Espectrograma de sina [ẽ.si.'na]**



Fonte: Elaboração das autoras.

**Figura 8- Espectrograma de sinti [sĩ' tix]**



Fonte: Elaboração das autoras.

Nas Figuras 7 e 8, distintamente da Figura 6, não há a realização de consoante nasal após a vogal nasalizada. O mesmo foi verificado na produção de itens como **bensitu** [bẽ.'si.tu] “abençoado”, sugerindo que a fricativa pode ser um fator que

favoreça o apagamento de /N/. Ademais, como demonstrado na Figura 8, em que visualmente identificamos a duração alongada de [i], vogal, em geral, produzida de maneira curta dada sua natureza articulatória, é possível que esse apagamento possa ser acompanhado por um alongamento vocálico compensatório, como ocorre em diferentes variedades da língua portuguesa (MORAES; WETZELS, 1992; BALDUINO, 2022), bem como em outras línguas crioulas de base lexical portuguesa, tais quais o santome e o lung'le (BALDUINO; AGOSTINHO; ARAUJO; CRISTOFOLETTI, 2015). Não compõe nosso foco essa discussão, porém ressaltamos que ela pode trazer pistas a respeito do comportamento acústico da nasalização em guineense.

Sendo assim, nos dedicaremos à análise da nasalização engatilhada por onset. Nesse caso, o processo ocorre devido à presença de uma consoante nasal na posição de onset heterossilábico, isto é, na sílaba seguinte. De acordo com Costa (2014, p. 80-119), esse fenômeno não é implementado no guineense e, por isso, consoantes nasais heterossilábicas não espraariam seu traço de nasalidade para a vogal à esquerda na sílaba seguinte. Com base nos dados da autora, verificamos que as consoantes nasais [m, n, ŋ] não desencadeiam nasalidade nem em sílaba tônica, como em 36 a 38; nem em pretônica, como em 39.

36. ['ka.me] - /kama/ "cama"

37. ['ka.ne] - /kana/ "cana, bambu"

38. ['li.ŋe] - /liŋa/ "linha"

39. [ku.'mɛ] - /kumɛ/ "comer"

Isso posto e tendo como objetivo avaliarmos se, de fato, esse processo não é observado no guineense, analisamos 14 dados que continham uma consoante nasal coarticulada a uma vogal heterossilábica.

Tanto na sílaba tônica quanto na sílaba pré-tônica, os dados indicam que não houve ocorrência da nasalidade da vogal que antecede consoantes nasais, tais quais [m] e [n]:

40. [ ' ʒɛ.me ] - **djema** “gema”
41. [ ' fo.mɪ ] - **fomi** “fome”
42. [ ' ka.me ] - **kama** “cama”
43. [ i ' za.mɪ ] - **izami** “exame”
44. [ ' so.nʊ ] - **sonu** “sono”
45. [ a.na ' nas ] - **ananas** “abacaxi”
46. [ ʒa. ' nɛ.le ] - **djanela** “janela”
47. [ ka. ' nɛ.le ] - **kaneka** “caneca”
48. [ ma.te. ' ma.ti.ke ] - **matimatika** “matemática”

Já em relação à [ɲ], atestamos a possibilidade de nasalização vocálica. De acordo com Costa (2014), a consoante nasal palatal [ɲ] ocupa a posição de onset e pode ocorrer em sílabas tônicas e postônicas, sendo que, em sílaba pretônica, não foram encontrados dados nos quais a nasal palatal seja evidenciada. A autora não discute acerca da nasalidade da vogal que antecede a consoante, mas, na representação fonética adotada, essa vogal é realizada como oral (COSTA, 2014, p. 81). Em nossos dados, no entanto, observamos a nasalidade, em algumas palavras, da vogal anterior à nasal palatal, como indicado em 49 e 50.

49. [ ras. ' kũ.ɲʊ ] - **raskunhu** “rascunho”
50. [ me. ' sĩ.ɲʊ ] - **mesinhu** “remédio”

Embora em **linha** [ ' li.ɲɛ ] “linha” e **dinheru** [ di. ' ɲɛj.rʊ ] “dinheiro” não tenhamos identificado nasalização de [i], o fenômeno foi constatado nos exemplos 49 e 50, dando pistas para um fenômeno variável.

Conforme Balduino (2018), a nasalidade vocálica (engatilhada por coda) em línguas como o santome e o lung'le tem a representação subjacente V+N, em que a vogal fonológica oral adquire o traço [+nasal] devido ao espriamento regressivo da nasalidade



da consoante nasal em coda. O mesmo fenômeno é encontrado nos dados do guineense, uma vez que as vogais, quando sucedidas por uma coda nasal tautossilábica, podem ser nasalizadas. Já quanto à nasalização engatilhada por onset, trabalhos como o de Balduino (2018) indicam que, além do processo de nasalização engatilhado por uma coda nasal, o *lung'le* apresenta, ainda, nasalização heterossilábica.

Apesar de tal processo ser recorrente em diferentes línguas naturais, no guineense, quando uma vogal é seguida por uma consoante nasal [m, n] licenciada no onset da sílaba seguinte, a nasalização da vogal da sílaba anterior não é observada, tanto em sílaba tônica quanto em sílaba pré-tônica, com a vogal permanecendo oral. No que concerne à nasalização progressiva e regressiva, no guineense, realizamos uma análise preliminar somente para a nasalização regressiva. Pelos dados, é possível formular como hipótese inicial que apenas a coda nasal pode engatilhar a nasalidade, sendo sempre tautossilábica e regressiva. Essa hipótese poderia ser validada ou refutada após uma análise com um *corpus* ampliado para investigar a nasalização progressiva no guineense.

Quando se trata da consoante nasal palatal, é possível observar, em algumas palavras, o traço nasal da sílaba antecedente. De acordo com Moraes e Wetzels (1992), a consoante nasal palatal nasaliza mais frequentemente a vogal do que as consoantes não palatais. Wetzels (2000) sugere a hipótese de que a nasal palatal seja uma consoante dupla, geminada fonológica, para abarcar as realizações dessa consoante. Assim, a consoante nasal palatal seria ambissilábica, ou seja, ocuparia duas sílabas (a coda de uma e o onset da outra). No caso do guineense, o comportamento não foi uniforme: embora a nasalização diante de [ɲ] tenha ocorrido em alguns casos (diferentemente do comportamento diante de [m, n]), o que pode sugerir a possibilidade desse caráter ambissilábico, esse processo não foi categórico (encontrado somente em duas palavras), sendo necessária uma análise com mais palavras para atestar o comportamento da realização nasal diante dessa consoante.

Balduino (2022), analisando dados do português santomense, indica que, nessa variedade, [ɲ] apresenta um comportamento semelhante: a nasal palatal pode desencadear nasalização em sílabas tônicas e átonas de maneira opcional, distinguindo-se, assim, de variedades como o português brasileiro e o europeu, nas quais tal consoante desencadeia um processo obrigatório. Apesar de [ɲ] também engatilhar nasalidade opcional no guineense, similarmente ao português santomense, naquela língua a opcionalidade do fenômeno parece, todavia, estar relacionada à proeminência da sílaba, na medida em que a nasalização, nesses casos, só ocorreu em sílabas tônicas: [ras. 'kũ.ɲʊ] “rascunho” e [me. 'sĩ.ɲʊ] “remédio”. Vemos, portanto, que o processo desencadeado por [ɲ] pode não somente trazer pistas acerca de um possível caráter ambissilábico da consoante, justificando os casos de nasalização observados, como pode, ainda, ser sensível ao acento lexical.

Em suma, a análise tecida nesta seção sugere que a nasalização vocálica, ao mesmo tempo que apresenta características semelhantes a outras línguas, como diferentes variedades do português e outras línguas crioulas, como o santome e o lung'le (BALDUINO, 2018), também possui traços próprios. Diante dos dados expostos, o comparativo com os dados de Costa (2014) é evidenciado no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Nasalização engatilhada por coda e onset: comparativo

Costa (2014)	Autoras
A nasalidade tautossilábica é opcional;	A nasalidade tautossilábica ocorreu em todos os dados;
O apagamento de /N/, em coda, não é obrigatório;	O apagamento de /N/, em coda, não é obrigatório;
Não há nasalidade heterossilábica;	Não há nasalidade heterossilábica engatilhada por [m] e [ɲ]. Se a vogal é seguida por um segmento palatal [ɲ], o processo é opcional;

Em relação à vogal que antecede a nasal palatal, a autora não discute a nasalidade; no entanto, através da representação fonética adotada, essa vogal é realizada como oral.

Foi atestado o traço nasal da vogal que antecede a consoante palatal; no entanto, a ocorrência não é obrigatória.

Fonte: Elaboração das autoras.

## Variação do /r/

Conforme Costa (2014), no guineense é considerada a existência de um /r/ fonológico. Esse /r/ pode ser realizado como a vibrante múltipla [r] ou a vibrante simples/tepe [r̥]. A autora não argumenta muito sobre a realização do /r/ no guineense, traz somente essa pequena explicação e alguns exemplos que foram observados por Costa (2014) em outras análises realizadas. Vejamos alguns dados retirados do texto de Costa (2014, p. 114-117):

51. [ma.'dɛ.rɛ] - /madera/ "madeira"
52. ['ku.rʊ] - /kuro/ "couro"
53. ['ar.vo.rɪ] - /arvorɪ/ "árvore"
54. [ver'.du.rɛ] - /verdura/ "verdura"
55. ['ra.ɲɛ] - /raɲa/ "arranhar"

A consoante tepe/vibrante simples [r̥] ocupa tanto a posição de onset quanto a de coda medial, como nos exemplos 51 e 54, respectivamente; já a vibrante múltipla [r] ocupa a posição de coda medial e onset inicial e medial, como nos itens 52, 53 e 55.

Tendo em vista tais possibilidades, examinamos, em nosso *corpus*, as realizações do /r/, verificando se apenas [r̥] e [r] são produzidas, ou se já estamos diante de outros processos que têm o rótico como alvo, como é o caso de lenições, que podem resultar em produções mais posteriorizadas, ou mesmo o seu apagamento. Focando, inicialmente, nas realizações de /r/ em coda, analisamos os itens especificados nos exemplos 56 a 65.

56. ['kar.te] - **karta** “carta”
57. [par.ti.'si.pe] - **partisipa** “participar”
58. [a.ni.ver.'sa.rjʊ] - **aniversariu** “aniversário”
59. [a.ler.'ʒja] - **alerdjia** “alergia”
60. [a.'ler.te] ~ [a.'lex.te] - **alerta** “alerta”
61. [va.'lu] - **valor** “valor”
62. [mĩn.'dʒɛ] - **mindjer** “mulher”
63. ['mar] ~ ['max] ~ ['ma] - **mar** “mar”
64. [ma.ta.'du] ~ [mã.ta.'dur] ~ [mã.ta.'dux] - **matadur** “matador”
65. ['bar] - **bar** “restaurante”

Segundo Costa (2014), há um /r/ fonológico no guineense representado pela vibrante simples/tepe [r] ou vibrante múltipla [r]. Em nossos dados, no entanto, observamos não somente realizações mais posteriorizadas do rótico, como [h, x, ʁ], como também identificamos a possibilidade de apagamento. Alguns exemplos são demonstrados em 66 a 71.

66. ['max] - **mar** “mar”
67. [aɪ'tah] - **altar** “altar”
68. [sĩ'tix] - **sinti** “sentir”
69. [mĩn.'dʒɛ] - **mindjer** “mulher”
70. ['ma] - **mar** “mar”
71. [ma.ta.'du] - **matadur** “caçador”

Como podemos observar, tanto o apagamento quanto a posteriorização estão condicionados à fronteira de palavra, sendo, em coda medial, apenas constatada a produção de [r], como indicado em 72 a 74. A vibrante [r], por sua vez, apenas foi verificada em coda final 75.

72. [kar.'te] - **karta** “carta”
73. [par.ti.'si.pe] - **partisipa** “participa”



Na Figura 9, a produção de [x] é nitidamente observada pela presença do ruído característico às fricativas. Notamos, assim, que /r/ adquire uma articulação mais posteriorizada, sofrendo, portanto, lenição. Já na Figura 10, o rótico é apagado. Ambos os fenômenos reforçam o caráter variável da coda nas línguas naturais, ressaltando sua fragilidade, especialmente, na fronteira de palavra (SELKIRK, 1982). Em relação à tonicidade, esse não parece ser um fator que desencadeie os processos de posteriorização ou apagamento, visto que ambos são perceptíveis em sílabas tônicas e átonas.

É preciso considerar, ainda, a possibilidade de o contato com o português ser um fator que contribuiu para a implementação de ambos os fenômenos, que têm o rótico como alvo e a coda como domínio. A esse respeito, Costa (2014, p. 198) afirma que o apagamento não é um processo fonológico encontrado sincronicamente na variedade do crioulo guineense, correspondendo, sobretudo, a um fenômeno diacrônico que configura um dos possíveis resultados da formação dessa língua. De fato, tendo em vista que o português é a língua lexificadora do guineense, notamos, como apontado por Costa (2014, p. 198), uma série de reduções fonéticas deste em relação àquele ao compararmos ambas as línguas: /studa/ > Guineense e /estudar/ Português, por exemplo. Tais contraposições, neste artigo, não pretendem implicar que o guineense descendesse, diretamente, do português.

Apesar de Costa (2014) circunscrever o apagamento como um processo diacrônico do guineense, a análise de nossos dados atestou a presença sincrônica tanto da posteriorização quanto do apagamento, sugerindo que, na verdade, tais fenômenos já podem ser observados no guineense. Ora, sendo o apagamento e, principalmente, a posteriorização fenômenos sincrônicos característicos à coda de diferentes variedades da língua portuguesa e, em alguns casos, ao onset, é possível que a convivência (in)direta entre o português e o guineense possa ser um fator que colabore com a disseminação desses processos. Ainda que o português não seja empregado cotidianamente na Guiné-Bis-

sau, é preciso considerar que os meios de comunicação de massa possuem programações transmitidas em língua portuguesa, as quais podem ser acessadas pela população geral, indicando, desse modo, que a presença de tal língua, na Guiné, não é escassa. O português é não só a única língua oficial do país como também a língua de instrução nos bancos escolares, com poucas exceções. Em outras palavras, a porção da sociedade guineense que consegue ter acesso à escolarização tem sido alfabetizada em português.

Finda a discussão sobre o rótico em coda, analisamos, a seguir, algumas palavras em que /r/ é observado em onset inicial e final.

Em posição de onset inicial, tanto [r] quanto [ʀ] foram realizações possíveis:

76. ['ra.le] ~ ['ʀa.le] - **rala** "ralar"
77. [ʀes.ta.'rã̃n.tɪ] - **restauranti** "restaurante"
78. [ʀi.si.bi.'dʊ] - **risibidu** "recebido"

Já em posição de onset medial, todas as ocorrências foram realizadas mediante a produção de vibrante simples/tepe por todos os informantes:

79. ['ka.rʊ] - **karu** "carro"
80. [si.'ga.rʊ] - **sigaru** "cigarro"
81. ['gɛ.re] - **guera** "guerra"
82. [ko.me.mo.ra.'son] - **komemorason** "comemoração"
83. [a.ni.ver.'sa.rjʊ] - **aniversariu** "aniversário"
84. [ke.'ri.dʊ] - **kiridu** "querido"
85. [e.li.mi.na.'tɔ.rjɛ] - **iliminatoria** "eliminatória"
86. [a.'rujs] - **arus** "arroz"

Em suma, a partir da análise do /r/<sup>9</sup> em diferentes constituintes silábicos, concluímos que a variação da realização do /r/, em posição de coda, é mais ampla. De acordo com Selkirk (1982), a coda corresponde ao constituinte mais fraco da sílaba e, por isso, é mais suscetível à variação e costuma ter mais realizações de processos, como o apagamento. Todos os processos fonológicos neste artigo, quando em posição de coda, demonstraram uma realização variável. Na nasalização engatilhada por coda, a consoante nasal, por exemplo, pôde ser elidida, sugerindo que, talvez, esse processo não seja exclusivo ao rótico em coda.

Em posição de onset (inicial e medial), a vibrante simples foi a variante preferida, sendo inclusive a forma categórica em posição medial. Poderíamos então argumentar que o fonema do guineense seria a vibrante simples e que poderia se realizar de maneiras diversas na língua, especialmente na posição de coda. Nesse caso, apenas teríamos processos fonológicos atingindo as fronteiras de palavras: as codas finais e os onsets em posição inicial. Naturalmente, é possível que haja outros fatores para realização do rótico, como qualidade vocálica e acento. No entanto, tais aspectos não foram levados em consideração, por uma questão de recorte e espaço, neste artigo. Objetivando o comparativo dos fenômenos com a abordagem apresentada em Costa (2014), evidenciamos as argumentações no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Variação do /r/: comparativo

Costa (2014)	Autoras
Há um /r/ fonológico, realizado como a vibrante múltipla [r] ou a vibrante simples/tepe [r];	Em coda final, o rótico é realizado de forma posteriorizada e pode ser apagado. Já em coda medial e onset medial, corroborando com os achados de Costa (2014), atestamos a realização do [r];

9 Diferentemente da representação da nasal /N/, utilizamos /r/ para a representação do rótico, posto que é a forma que deriva melhor as demais realizações em coda (aquelas que não parecem ser condicionadas pelo contexto seguinte). Ademais, no guineense, até o momento e ao que parece, não haveria, no inventário fonológico, dois róticos distintivos que justificassem uma neutralização nesse contexto (como ocorre no português brasileiro, para fins de ilustração). Tal quadro é diferente no que diz respeito à nasalização: /m/ e /n/ são contrastivos em onset e, na coda, podem ser neutralizados em [m, n, ŋ].



O apagamento é um processo diacrônico resultado da formação das línguas.

Os processos de apagamento e posteriorização dos róticos são de natureza sincrônica.

Fonte: Elaboração das autoras.

## Considerações finais

No guineense são identificados processos fonológicos, como a palatalização do /s/ em coda; a nasalização engatilhada por coda e onset; e a variação do /r/. Além disso, discutimos aqui o estatuto de [ʃ] em onsets complexos. A análise fonética e fonológica desses fenômenos, propostas neste artigo, trazem evidências acerca das regras sonoras que caracterizam o sistema fonológico do guineense, contribuindo para a descrição de uma língua ainda pouco documentada.

Ao compararmos nossos resultados com o trabalho de Costa (2014), compilamos os principais achados dos dois estudos e observamos algumas diferenças analíticas. Distintamente de Costa (2014), não somente identificamos processos de nasalização heterossilábica, como atestamos a posteriorização de róticos e seu apagamento sincrônico. A partir da discussão proposta, que foca em três processos fonológicos, visamos contribuir com a descrição fonológica do guineense, língua amplamente falada na Guiné-Bissau, porém ainda pouco estudada. Tendo em vista, no entanto, que este é um estudo inicial do guineense, algumas questões permaneceram sem respostas, sendo importante um maior aprofundamento da análise dos processos elencados, além da ampliação do *corpus*, para avaliarmos outras variáveis linguísticas que podem influenciar os fenômenos estudados neste artigo.

## Referências

BALDUINO, Amanda Macedo; AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos; ARAUJO, Gabriel Araujo; CHRISTOFOLETTI, Alfredo. A nasalidade vocá-

lica em santome e lung'le. **PAPIA**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 7-25, jan./jun. 2015.

BALDUINO, Amanda Macedo. **A nasalidade no português de STP**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, Amanda Macedo. **Processos Fonológicos no Português de São Tomé e de Santo Antônio do Príncipe**. 2022. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BANDEIRA, Manuele. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. **Praat: doing phonetics by computer**. Versão 6.1.35. [Amsterdam: Praat], 2020.

CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. **Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

COUTO, Hildo Honório. **O Crioulo Português da Guiné Bissau**. Hamburg, Deutschland: Buske, 1994.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

INE. **Recenseamento Geral da População e Habitação - Guiné-Bissau:** características socioculturais. Bissau, Guiné-Bissau: INE, 2009. Disponível em: <https://www.stat-guineebissau.com/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

KENT, Raymond; READ, Charles. **The Acoustic Analysis of Speech.** San Diego, California: Singular Publishing Group, 1992.

KIHM, Alain. Nasality in kriol: the marked case? **Journal of Pidgin and Creole languages**, Paris, France, v. 1, n. 1, p. 81-107, 1986.

MATOS, Priscila Costa. **A Sílabas Fonética do Guineense Moderno:** a posição de Coda. 2021. Monografia (Graduação em Letras) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

MBODJ, Chérif. **Phonologie du créole de Guinée-Bissau.** Dakar: Centre de Linguistique Appliquée de Dakar, 1979. v. 74.

MORAES, João; WETZELS, Leo. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício da fonologia experimental. **Cadernos de Estudos linguísticos**, Campinas, SP, v. 23, [s. n.], p. 153-166, 1992.

ROUGÉ, Jean-Louis. **Petit dictionnaire étymologique du kriol de Guinée Bissau et de Casamance.** Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1988.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense.** Dicionário guineense/português. Bissau: Edições FASPEBI, 2002. v. 2.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Gramática e dicionário da língua Criol da Guiné-Bissau (GCr).** Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 1981.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. *In:* HULST, H. Van der; SMITH, Norval (ed.). **The Structure of Phonological representations.** Dordrecht, Nederland: Foris, 1982. p. 337-383.

WETZELS, Leo. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. **Revistas de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5-15, 2000.